



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião do Consea

Palácio do Planalto, 29 de novembro de 2005

Primeiro, eu queria cumprimentar os companheiros e companheiras do Consea, que têm se dedicado esse tempo todo, não apenas em avaliar, mas em tentar construir propostas para que tenhamos, no Brasil, definitivamente, uma política de segurança alimentar com muita sustentabilidade e que seja uma coisa definitiva.

Quero também dizer a vocês que não é qualquer país do mundo que consegue produzir um conjunto de pessoas movidas apenas pela sua ideologia, pelos seus compromissos, que se dispõem a dedicar tanto tempo do seu ano para que a gente possa fazer as coisas serem discutidas como devem ser.

E, certamente, o governo deve ter mais para fazer do que já fez. Afinal de contas, nós ainda nem completamos 36 meses de governo e muita gente gostaria que nós já fizéssemos coisas como se nós tivéssemos há 36 anos no governo. São apenas 36 meses.

Uma vez eu vinha viajando com a ministra Nilcéa, do Rio de Janeiro para cá. Já faz tempo, logo no começo do governo. E tinha dado uma enchente não sei em que cidade, acho que no próprio Rio de Janeiro, e eu tinha visto muitas manifestações culpando o prefeito, culpando a governadora do estado. Quando se trata de enchente, não culpam o governo federal, só os entes federativos abaixo às vezes culpam. Eu dizia para a Nilcéa, é estranho porque eu vi um dos furacões que teve nos Estados Unidos, foram entrevistar um cidadão, a casa dele estava caída, ele, na frente da casa caída, e foram perguntar para ele: “quem é o culpado?” Ele falou: “olha, eu acho que Deus e a mãe natureza devem estar com algum problema conosco, porque eu não



posso culpar o governo, não posso culpar o prefeito municipal, porque o furacão foi de tamanha violência que, se até ele estivesse aqui na frente, seriam levados juntos”.

Então, eu acho que alguma coisa está acontecendo no planeta, porque está acontecendo muita coisa que a gente não consegue controlar. E eu digo que Freud sempre dizia: “as intempéries do ser humano, por mais que se prepare, quando tem uma reviravolta, ninguém consegue controlar”. E muitas vezes nós ficamos nervosos e culpamos alguém. E me lembro que a Nilcéa falou assim para mim: “Lula, você não reclame, porque você tem muita responsabilidade nesse negócio da gente culpar o que está mais próximo. Isso é uma cultura política que veio do movimento sindical, da igreja, do movimento social, ou seja, a gente está sempre descarregando em cima de quem está mais próximo, a culpa por aquilo que aconteceu. Então, se tem alguém no Brasil que não pode reclamar, é você.”

A partir daí eu me conformei, eu comecei a lembrar dos discursos que fiz a vida inteira por este país. Eu falei: bom, eu não posso reclamar quando as pessoas fizerem qualquer culpa, porque em algum momento eu e outros já tínhamos dito isso.

Mas eu penso que aqui, no Consea, cada um de vocês, preparados do jeito que foram para essa tarefa, que vocês livremente se puseram a participar, nós precisamos ser irradiadores de insatisfações para que o governo possa aprimorar as suas políticas, mas também irradiadores das coisas boas que vocês mesmos fizeram com que nós acertássemos.

E eu penso que muitas vezes nós trabalhamos com uma quantidade de desinformação de tal ordem que nós muitas vezes esquecemos das conquistas que nós já tivemos. Possivelmente porque não seja publicado de forma correta, possivelmente porque a gente não saiba informar corretamente. Mas alguma coisa nós precisaríamos saber, ou está faltando entre nós uma interatividade que possa permitir que a gente saiba das coisas como elas são



Eu quero começar com o texto e vocês, quem sabe, se estivessem num país, viajando pelo mundo, e chegassem num país, pegassem o jornal e lessem na primeira página a seguinte matéria: a concentração de renda naquele país que vocês estavam visitando, caiu em 2004 e atingiu o melhor resultado desde 1981. Houve uma forte redução da desigualdade porque a renda dos mais pobres cresceu. É o que mostra o instituto de pesquisa que revelou que este país melhorou também em itens como o número de trabalhadores ocupados, participação das mulheres no mercado de trabalho, indicadores da área de educação e melhoria da condição de vida.

Um estudo de uma grande universidade deste país imaginário que eu estou falando, divulgado no dia 28, confirmou que a miséria nesse país imaginário caiu em 2004 e atingiu o nível mais baixo desde 1992. o número de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza passou de 27,26% da população em 2003, para 25,08% em 2004. Em 1992 esse percentual era de 35,87%, considerado abaixo da linha da pobreza, que vocês já sabem.

Segundo o estudo, essa queda substantiva da pobreza foi movida por crescimento, em particular por distribuição de renda em 2004. O resultado deste fato se deve, principalmente, ao fato de que a participação na renda pelos 50% mais pobres, cresceu 3,2% entre 2002 e 2004, passando de 14,4 para 15,2 da renda total. Ao mesmo tempo em que os 5% mais ricos da população tiveram uma redução de 1,6%, passando de 33,8 para 32,5%.

Ainda nesse país imaginário, vocês iriam ler na primeira página do jornal: “ o rendimento médio manteve-se estável, a desigualdade de renda do trabalho reduziu com índice de Gini passando de 0,56 para 0,54. Aumentou o número de trabalhadores em 3,8 milhões, atingindo o maior nível de ocupação desde 1996. O nível de ocupação das mulheres foi o mais alto desde 1992; quase 2,5 milhões de trabalhadores com carteira assinada, aumentando a contribuição da previdência social; a taxa de desocupação caiu de 9,2 para 9,0; houve queda em todas as regiões do país; acréscimo de 1 milhão de novos



estudantes nas escolas, a taxa de analfabetismo caiu e melhora as condições de vida das pessoas.

Esse país imaginário que nós estamos vivendo é o Brasil, e é o Brasil que vocês ajudaram a construir, é o Brasil em que vocês ajudaram a produzir parte das políticas públicas que estão sendo implementadas agora e que, muitas vezes, nós por não termos informações, não falamos as coisas que nós mesmos ajudamos a fazer.

Qual é o milagre do Pronaf para a agricultura familiar neste país? O milagre do Pronaf não é apenas ter aumentado a quantia em dinheiro liberado, de 2,4 bilhões em 2003 para 6,2 bilhões em 2005, não é apenas isso. É que não apenas aumentamos em 4 bilhões o dinheiro do Pronaf na safra de 2004/2005, como pela primeira vez nacionalizamos o Pronaf. Eu vou dar um número para vocês aqui, porque muitas vezes nós nos esquecemos de falar. Na safra 2002/2003, a safra começa em junho e termina em julho, portanto, na safra 2002/2003, nós entramos em junho, entramos em janeiro de 2003 já estava pronto o dinheiro da safra. Com isso, no Sul do país, tinha 435 mil contratos, na safra do ano passado que, terminou em julho deste ano, nós fomos para 678 mil contratos.

Na região Sudeste, nós tínhamos 118 mil contratos, depois nós fomos para 236 mil contratos. No Centro-Oeste, que é a parte onde o Pronaf, ou pelo menos as pessoas precisam menos do Pronaf, porque tem mais concentração de terra, nós saímos de 30 mil para 57 mil na safra 2004/2005. No Nordeste, nós saímos de 285 mil para 568 mil contratos. No Norte, nós saímos de 35 mil para 98 mil contratos, ou seja, nós saímos de 904 mil contratos para 1 milhão 639 mil contratos. E queremos chegar na safra 2005/2006 com 9 bilhões, a 2 milhões de contratos. Mas se a gente for analisar a quantidade em dinheiro, é que a gente vai se dar conta de que houve uma evolução. Eu vou pegar sempre a safra 2002/2003, que foi quando nós entramos aqui.

No Sul do país, foi contratado, na safra 2002/2003, 1 bilhão, 206 milhões



de reais. Na safra do ano passado, que terminou em julho agora, foram contratados 2 bilhões, 887 milhões, um aumento de 145%. Na região Sudeste, nós tínhamos liberado, na safra 2002/2003, 390 milhões de reais. Na safra 2004/2005, nós liberamos 1 bilhão e 47 milhões, com um acréscimo de 179%. Na região Centro-Oeste, nós tivemos de 187 milhões, 2002/2003, para 381 milhões, um aumento de 82%. No Nordeste, nós saímos de 393 milhões, prestem atenção, 393 milhões para 1 bilhão, 266 milhões de reais na safra 2004/2005, tendo um aumento de 288%. Na região Norte do país, nós saímos de 201 milhões para 592 milhões, um aumento de 491%.

Esses dados aqui, que cada um de vocês precisará trabalhar, porque é uma arma que vocês ajudaram a construir neste governo, demonstra porque os nossos adversário do mundo político ficaram tão surpresos com os dados do Pnad. E os dados do Pnad não foram melhor porque nós tivemos 2003 muito apertado. E era o primeiro ano do nosso governo. Muita gente ficou surpresa. Mas o dado concreto é que não tem um único dado no Pnad que não seja um dado positivo da conquista do nosso governo e da sociedade brasileira. Isso significa melhoria da qualidade de vida, isso significa melhoria da segurança alimentar, significa que as pessoas estão comendo mais.

Vocês sabem qual é a coisa que o povo mais grita na rua, quando eu desço num aeroporto? É me agradecer por causa do quilo do arroz, porque estavam pagando 11 reais quando eu tomei posse e estão pagando, hoje, 4,90 reais. Isso não faz parte da segurança alimentar? Você fazer com que a comida chegue mais barata na casa das pessoas? E essa é uma conquista que vocês ajudaram a construir. Vocês ajudaram a construir, concordando ou discordando. Vocês ajudaram a construir e são testemunhas de que eu nunca vim numa reunião Consea, e nunca mandei para o Chico, nem para o Patrus, ou para qualquer ministro: diga para o Consea que o Consea tem que reconhecer o que o governo está fazendo. Não fiz e não vou fazer.

Agora, eu acho que vocês precisam reconhecer as conquistas que



tiveram. Vocês sabem quantos anos fazia que o movimento sindical brasileiro não conseguia aumento acima da inflação? Este ano, 85% dos acordos coletivos foram feitos acima da inflação, 85%.

A quantidade de empregos que nós geramos nesses 36 meses é mais do que foi gerado nos últimos dez anos no país. Lógico que nós precisamos mais, é lógico. Mas nós temos só 36 meses de governo. Nós não podemos ser responsabilizados por 25 anos, 22 anos, 10 anos da década perdida e, depois, mais dez anos de estagnação. Quem é que não lembra que o Brasil passou 20 anos estagnado?

Então, eu acho, meus companheiros, meu caro Chico, que nessa avaliação, vocês vão ficar dois dias discutindo, aqui, é importante que o pessoal saia preparado e armado com as informações para que as pessoas sintam orgulho do que estão fazendo. Porque senão as pessoas não vêem resultado do que ajudaram a produzir.

Nós, agora, estamos fazendo um estudo, que eu estou cobrando do Incra, pelo menos há um ano e meio, porque a gente trabalha com números muito fictícios. Neste país, habitualmente se cita números sem nenhum critério. E queria saber como é que anda a agricultura familiar no Brasil, hoje, porque a vida inteira eu cansei de fazer discurso: não adianta assentar 200 milhões, 200 mil, se 800 mil deixam o campo. Eu quero saber se com o Pronaf, se com o programa da assistência técnica, se com o programa da compra de alimentos, se com o programa Luz para Todos, se as pessoas estão saindo do campo. Eu quero saber, porque nós não temos esses dados.

Eu, às vezes, participando de palestras, não agora que eu sou Presidente, mas quando eu não era, as pessoas citavam as maiores barbaridades de números sem citar fontes. Eu me lembro de uma vez em que uma pessoa citou o número de abortos no Brasil. Era tão grande que era maior do que o número total de mortes que tinha no país. Então, é preciso que a gente tenha cuidado para a gente trabalhar com esses números com precisão.



E eu estou particularmente feliz.

Quando eu fiz o meu discurso de posse eu dizia que, se ao terminar o meu mandato, as pessoas estivessem almoçando, jantando e tomando café, eu já me daria por realizado. Possivelmente muito humilde, porque pode ser feito muito mais do que isso. Mas nós assumimos o compromisso de que neste ano nós iríamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias, e vamos chegar a 8 milhões e 700 mil famílias. E não chegamos mais rápido porque tem um problema de cadastro, porque trabalhamos com um cadastro muitas vezes difícil de ser organizado, depende de acordos com as prefeituras. Umas com muita boa vontade, outras com menos vontade. Mas o dado concreto é que o resultado está para quem quiser ver e nós precisamos utilizar isso como satisfação do trabalho que nós fizemos nesses três anos.

As conquistas, vocês sabem o que eu penso? Vocês sabem que eu fui um grande dirigente sindical. Modéstia à parte, eu fui um grande dirigente, porque não tinha outro, acho que era eu sozinho. Então, fui um grande dirigente sindical. Eu passei 20 anos da minha vida, 20 anos, nos melhores anos de 78 – o Marinho não veio, não é? De 1978 a 1982, depois entrou o Meneguelli em 1983, depois entrou o Vicentinho, depois entrou o Guido, depois entrou o Marinho. Vocês sabem como era parte da minha vida? Ser chamado a uma hora da manhã, duas horas da manhã, meio-dia, cinco horas da manhã, para ir na porta da fábrica conversar com os milhares de trabalhadores que eram mandados embora, era aos milhares. Teve um tempo em que a Volkswagen mandou, de uma vez só, 15 mil trabalhadores e não tinha o que fazer. A gente ficava lá chorando com os trabalhadores porque não tinha o que fazer, as empresas não iam readmitir e eu andava pelo Brasil inteiro, cada lugar em que eu chegava, eu dizia que o pessoal me achava “levanta moral”, o pessoal estava desempregado na porta de fábrica, era o Vicentinho entrando em greve de fome, eu ia.

Então, vejam, nesses 36 meses, nós já criamos mais empregos do que



nos últimos dez anos no Brasil, lógico que as pessoas falam: “mas poderia estar mais”. Poderia, poderia estar mais, mas não está. Ou seja, está naquilo que foi possível construir, porque muita gente faz o discurso mais fácil porque é melhor fazer o discurso mais fácil, é melhor. Eu não vou entrar em debate de política econômica aqui, porque tem muita coisa para ser discutida e aqui não é fórum para discutir política econômica.

Nós já tivemos dezenas de políticas econômicas no país, e vocês do Consea, que são quadros importantes na política nacional, precisam saber de algumas coisas, eu sei que tem economista aqui, até gostaria que vocês estudassem em que momento da economia do país, em que momento, podem pegar de 30 a 40 anos para trás. Nós tivemos um conjunto de fatores positivos combinantes entre si como nós temos agora? Em que momento histórico? Podem escolher o momento em que nós tivemos um conjunto de fatores funcionando ao mesmo tempo. Você tem crescimento econômico, crescimento das exportações, crescimento das importações, crescimento do emprego, crescimento da nossa balança comercial, crescimento do superávit de conta corrente. O que você tem reduzindo?

Agora começou a taxa de juros e você tem reduzindo a inflação, porque a inflação é um ganho para o trabalhador. Quem recebia o salário e não tinha conta em banco, porque na conta em banco você depositava numa conta remunerada, você nunca teve uma inflação de 40% ao mês. Mas quando o trabalhador recebia, naquela época 100 reais, e ele tinha que pagar suas contas, ele não tinha conta em banco remunerada, aqueles 100 reais desapareciam, ou seja, então (inaudível) é uma conquista dos trabalhadores brasileiros.

Qual é o valor da cesta básica hoje Chico? Qual é o valor da cesta básica hoje comparada a qualquer outro momento? Pode melhorar? É lógico que pode melhorar, pode melhorar, mas nós precisamos de mais tempo, nós ainda não terminamos os cálculos de 2005, não entramos em 2006 ainda, nem



terminamos 2006. Vamos pegar o que já foi feito para os Quilombolas no Brasil. Em algum momento histórico foi feito o que nós estamos fazendo? A Matilde pode conversar com vocês.

Em algum momento deste país tivemos tantas meninas e meninos negros na universidade? Só no ProUni foram 38 mil afrodescendentes. Em que momento histórico deste país teve 38 mil jovens negros entrando na universidade? Precisa mais? Precisa. Este ano tem mais ProUni, vai ter mais.

Então, eu penso que numa reunião de Consea, de final de ano, em algum momento, meu caro Patrus, é preciso fazer um balanço, um balanço correto que coloque as coisas que faltam ser feitas, mas que a gente não diminua as nossas conquistas, porque senão fica muito difícil a gente não valorizar o que nós conquistamos. E como nós, eu acho que em política, por mais que você faça, sempre estará faltando alguma coisa, e por mais que as pessoas conquistem sempre vai precisar mais um pouco. Não existe na história da humanidade, momento em que você está contente. Aumento de salário, você fica contente só no primeiro mês, no segundo mês você já está querendo 10% a mais, 5% a mais, 20% a mais.

Então, eu penso que essas coisas, em algum momento, Patrus, é preciso que os companheiros tenham as informações corretas porque o que foi feito, sobretudo na parte da agricultura familiar, eu penso que merece de vocês um orgulho muito grande, porque vocês participaram dessas discussões e sabem o que isso significa. Agora também tem que ter dimensão de tempo, e nós não tivemos todo tempo do mundo e, portanto, temos o tempo exíguo para fazer o que nós já fizemos.

Quero dizer para vocês que quero dizer para vocês que, para mim, a política econômica nunca foi empecilho para a política social. Vamos deixar claro que nós resolvemos um problema aqui, que os teóricos nunca tinham colocado para resolver, e nós colocamos, em 17 meses, 29 bilhões de reais no mercado para o consumo, independente da taxa selic, via crédito consignado.



Essa foi uma revolução no crédito brasileiro. Nós saímos de uma poupança interna de 17% durante a campanha de 2002, para uma poupança interna de 24%.

Então, eu penso que isso tem que ser discutido com os companheiros, porque senão nós ficamos discutindo sempre a comida que falta na mesa e não valorizamos aquela que enchemos o “bucha”.

No mais eu quero agradecer a vocês, porque vocês são parte dos meus acertos e podem ficar certos de que serão parte dos meus erros.

Muito obrigado.